



Papeis masculinos durante a pandemia. Alguma transformação?¹

*Teresa Lartigue
Asociación Psicoanalítica Mexicana*

O processo de construção da subjetividade, na qual é explícito que o recém nascido em sua iniquidade, e vulnerabilidade requer “a ação específica de um indivíduo experimentado” (Freud, 1895) para sobreviver, tem atravessado por diferentes momentos evolutivos na concepção da identidade subjetiva, em íntima inter-relação com a identidade primordial, psicosexual, a de gênero, e a generativa (Lartigue, 2019). Nesta comunicação me referirei unicamente á identidade de gênero.

Tawil (2020) em um trabalho recente, recorre as formas da masculinidade nas culturas mediterrâneas de Creta, e Andaluzia, Micronésia, da Índia, China, Japão, assim como os zâmbias da Nova Guiné, os samai, e outras tribos da Malásia. Surpreende a diversidade, a amplitude das diferenças, pelo qual, teria que falar sobre masculinidades em um contexto histórico e geográfico determinado, e não de princípios universais. Teria que distinguir quando falamos de um analisando, analisanda, analisande, localizá-lo primeiro dentro da civilização ocidental ou oriental, e posteriormente na cultura específica da região, assim como as crenças familiares que acompanharam sua criação, além dos fantasmas transgeracionais que habitaram seu quarto (Fraiberg, 1980).

Identidade de gênero²

Stoller distingue três etapas na aquisição da identidade de gênero; a primeira, a identidade nuclear de gênero é definida como

"a convicção de que a atribuição do próprio sexo é correta, primeiro anatomicamente e depois psicologicamente (...) É o primeiro passo no progresso para a identidade de gênero definitiva, e se empalma gradualmente o nexos em torno da masculinidade e da feminilidade. Esta identidade nuclear não tem implicações nos papeis ou relações objetais. Aos dois ou três anos, tempo no qual se pode observar uma masculinidade bem definida em meninos e uma feminilidade em meninas, já é muito firme e quase inalterável. Os esforços para modificá-la em anos posteriores provavelmente fracassem" ... (1985, p.11).

¹ Palestra do COWAP “Masculinidades: Fronteiras e transformações”, Patricia Alkolombre, Ariel Sánchez y Sergio Lewcowicz no 33º Congresso Latino-Americano de Psicanálise (virtual), FEPAL, Montevideu, 10 de Outubro de 2020. **Traductor: André Moreira Da Silva.**

² Minha tradução.



Esta identidade nuclear é o resultado de: uma força biológica; designação sexual ao nascimento; atitudes parentais, especialmente das mães; fenômenos biopsíquicos, e o desenvolvimento do eu corporal.

Em relação à segunda etapa, Tyson & Tyson (1990) enfatizam que a identidade de papel de gênero, sobreposta à identidade nuclear de gênero, e se baseia em padrões de interações conscientes e inconscientes entre os pais e com o bebê desde o nascimento. Interações, das quais, a criança cria representações, assim como as relações e diálogo com objetos. Estas representações estão ligadas a outros aspectos conscientes do gênero, de modo que as representações do *self* (eu) contêm elementos da identidade nuclear de gênero, com o papel ou modo usual de interagir nas relações com os outros vis a vis à masculinidade ou feminilidade (p.254).

A identidade de papel de gênero, não deve ser confundida com papéis socialmente³ determinados; entretanto, as identificações com o objeto do mesmo sexo e a representação intrapsíquica de seus papéis na interação, são afetadas por influências sociais e culturais, em um comportamento aprendido, onde as habilidades cognitivas desempenham um papel importante.

A terceira e última etapa é a orientação sexual na escolha do parceiro onde os aspectos da bissexualidade psíquica emergem ampliados pelo irrupção da puberdade (Tyson e Tyson, 1990), abrindo uma gama de possibilidades, algumas transitórias, outras permanentes.

Masculinidades, hipótese

Freud (1937) descreveu no homem representações inconscientes de repúdio ou rejeição aberta à suposta vulnerabilidade e inferioridade feminina; Stoller, por outro lado (1968, 1985) levanta três hipóteses: 1. Deixando de fora os fatores biológicos, quanto mais prazerosa e íntima a simbiose com a mãe, maior a probabilidade de que o menino seja feminino. 2. Mesmo que a fusão com a mãe nos primeiros meses de vida promove uma profeminidade⁴ em ambos os sexos, e 3. Para que a masculinidade se desenvolva, o

³ Ver Bem (1974; 1981); Lara Cantú (1993).

⁴ Autores como Vives (1997) concordam com este conceito, enquanto Diamond (2006) e outros discordam; Silvia Bleichmar (2006) postula outras hipóteses relativamente à constituição sexual masculina,



menino, deve erigir barreiras intrapsíquicas defensivas que o protejam do desejo glorioso de manter o sentimento de ser como a mãe (p.183)

Badinter (1992) concebe a masculinidade como uma *reação*, um *protesto*, ou como uma *traição* à mãe; aqueles que são mais frágeis ou mais doloridos precisam odiar o sexo feminino para preservar sua masculinidade e poder lutar contra a nostalgia do ventre materno, contra a passividade e o medo do feminino, portanto é mais uma reação, que uma adesão em que a criança se afirma se opondo a ela. Na mesma linha, o advento da masculinidade requer um protesto viril, deve esclarecer uma dúvida e a suspeita de feminilidade.

Em relação à traição e assassinato psíquico da mãe, Badinter menciona que a separação da amada mãe oscila entre dois temas complementares: a traição da boa mãe amada e a libertação da opressão materna, da má mãe frustrante e todo-poderosa. Segundo a imagem materna que se imponha - mesmo que estejam unidas - surgem sentimentos de culpa e/ou agressão⁵.

Badinter conclui que uma separação não conseguida é a causa de vários distúrbios: desde transexualidade até psicose, passando por múltiplos distúrbios de identidade e comportamento, masculinidade hegemônica, desdém pelas mulheres, agressão não canalizada, fome por um pai. Destaca a necessidade de diferenciar-se, a qual é uma necessidade vital, arcaica presente em todas as pessoas.

Por sua vez, Jessica Benjamin (2020) em sua palestra sobre "A tragédia da masculinidade" menciona a respeito do assassinato da mãe (real ou fantasioso) que, "pode ser visto como uma representação tanto da fusão, quanto da separação, a imersão no corpo do outro e a destruição desse corpo, a projeção do sim-mesmo-bebê dentro do outro e o uso do outro como um recipiente, assim como a raiva contra esse recipiente, como nunca se pudesse entrar nele" (p. 9). Ele enfatiza que o pai ausente desempenha um papel nesta história; o temor da vulnerabilidade e a projeção desta vulnerabilidade para com as mulheres está relacionado ao complexo de Édipo negativo, bem como ao período pré-

⁵ Apresenta duas teses a respeito: a primeira é que o homem desconfiam das mulheres porque sentem que a sua mãe traiu seu amor ao abandoná-lo pouco a pouco no mundo dos homens. O segundo é o oposto: não pode ser homem sem trair a mãe, sem cortar os laços de amor da infância (p. 103).



edípico, onde se articulam cada vez mais os desejos homoeróticos ocultos do pequeno que deseja se aconchegar com o papai, e não apenas com a mamãe.

Em relação à separação, Benjamin argumenta que ocorre quando o pai, e mais tarde a criança, reconhecem a mãe como um sujeito por seu direito próprio; entender este reconhecimento é um processo bidirecional que envolve vários graus de mutualidade e interação recíproca (p.12).

Alizade (2009) descreve por sua vez, seis cenários masculinos vulneráveis, sendo eles: pré-Édipo nos homens e a inveja primária do ventre gestante; o homens, seu desejo de ser mulher e medo da mulher; inveja do pênis nos homens; a problemática homossexual; o erotismo: impotência psíquica e disfunções sexuais; e três defesas psíquicas dos homens em seus laços de amor erótico: hipermasculinidade, amor superficial (amores fóbicos e histéricos) e a aquisição e cultivo de emblemas de poder; áreas psíquicas doentes as quais impedem que alguns homens alcancem a maturidade necessária para se entregarem a uma experiência profunda de amor.

A pandemia de SAR-COV-2

Nos sete meses transcorridos desde a declaração em 11 de março de 2020, pela Organização Mundial da Saúde (OMS), cabe enfatizar os seguintes fatos como são: A articulação da crise sanitária, com o "colapso" de alguns setores da economia mundial; maior visibilidade da desigualdade social, o aumento do número de gestações como resultado direto do confinamento; o aumento também da violência e insegurança doméstica, o número de assassinatos intencionais, sequestros, extorsões, etc. Desde outra perspectiva, tem havido uma explosão de manifestações artísticas e de criatividade⁶.

Desde la clínica, limitarei minha comunicação à descrição de observações gerais por razões de confidencialidade. É importante ressaltar que, neste período de tempo, não vi pessoas da comunidade LGBTQI+ ou mulheres vítimas de violência doméstica, em minha consulta telefônica, seja em áudio ou chamadas de vídeo na minha casa. Estas observações correspondem a pessoas que vivem principalmente em famílias de acordo com o modelo nuclear conjugal; em uma minoria, em famílias extensas ou monoparentais,

⁶ Ver Lartigue, 2020.



ou mulheres que vivem sozinhas. A faixa etária varia entre 20 e 70 anos, com predomínio de um nível socioeconômico médio-alto.

1. É cada vez maior o medo do contágio e da morte, os círculos estão fechando e já são pais, irmãos e outros parentes que morreram e/ou ficaram doentes.

2. Trabalhar em frente à tela é extremamente cansativo⁷; a versão home office em qualquer uma das aplicativos eletrônicas, tem sido mais demandante e exigente sob o pressuposto de que "estar em casa" é sinônimo de incondicionalidade, estar disponível "24/7"; alguns homens perderam seus empregos devido à pandemia.

3. No que diz respeito ao trabalho doméstico, é notável que homens com 45 anos ou mais não colaboraram nestas atividades, que de acordo com os "estereótipos femininos" correspondem exclusivamente às mulheres⁸. O papel de identidade de gênero masculino que observo com mais precisão é o de provedor econômico, protetor, responsável pelo bem-estar e a segurança da família, da mesma forma que seus pais e avós fizeram.

4. Com relação ao relacionamento amoroso, observei que casais que antes da pandemia tinham um relacionamento amoroso e uma vida sexual plena, aprofundaram ainda mais seus laços emocionais. Os casais com alguns problemas, tem sido mais intensa a introspecção das dificuldades conscientes e inconscientes, por exemplo na área do erotismo e da sensualidade, existindo o desejo de permanecer juntos. E aqueles que tinham um mau relacionamento desde antes da pandemia, pioraram⁹.

5. Com relação ao desempenho dos deveres parentais, é importante distinguir as idades das crianças. No caso de adolescentes ou adultos jovens, os principais conflitos conscientes e inconscientes, têm a ver com individualização versus dependência; submissão versus controle e desejos de proteção e cuidado versus autosuficiência (OPD-2, 2006), especialmente agora que a abertura de diferentes espaços e encontros de jovens começou.

⁷ Aplica-se também a nós, analistas.

⁸ O tipo de apoio tem tido a ver com passear os animais de estimação ou melhor, levar o carro para a manutenção, atividades "masculinas". O tempo livre, alguns homens utilizam-no para fazer diferentes rotinas de exercício físico, ou melhor em videogames no celular ou tablete.

⁹ O abismo existente entre eles se fez mais aprofundo e eles estão esperando que termine a pandemia para iniciarem o processo de separação. Os conflitos inconscientes poderiam estar relacionados com as invejas pre-edípicas e a não resolução do Édipo.



Por outro lado, as famílias com crianças menores de 10 anos, são as mulheres que têm que cuidar de conectar as crianças à plataforma correspondente às suas atividades escolares; os homens são totalmente desvinculados desta ocupação. Tenho notado que quanto mais jovens as crianças, mais complicações para as mães.

Apesar de todas estas dificuldades, se existe um bom relacionamento, o espaço de comer juntos como uma família, uma situação sem precedentes para a maioria, tem sido muito enriquecedor, tem permitido interações com um pai próximo, que proporciona conforto, que pergunta, apoia, reconhece e se orgulha das realizações de seus filhos e de sua esposa. Em outros casos, apesar da falta de um bom relacionamento com sua esposa, os pais desempenham diferentes papéis em termos de apego, segurança, elevação da autoestima de seus filhos e compartilhamento de seus passatempos. Em outros, eles estão emocionalmente ausentes, apesar de estarem na sala ao lado, em casa¹⁰.

Finalmente, volto à pergunta inicial: A pandemia mudou alguns dos papéis da identidade de gênero masculino? Parece-me que isso tornou visível, que ampliou o que tínhamos anteriormente e, em casais jovens com filhos, observou-se que todos já colaboram no trabalho doméstico, aquela famosa mais-valia da que Marx fala e que constitui uma transformação nos papéis de identidade de gênero.

Por outro lado, aqueles em tratamento psicanalítico ou psicoterapêutico de longo prazo fizeram profundas mudanças que lhes permitiram enfrentar a pandemia em melhores condições, com pleno reconhecimento da posição privilegiada em que nos encontramos como pacientes e psicanalistas, sabendo que o mundo mudou e que será necessário inventar novas formas de socialização, convivência e de cooperação para a recuperação da economia e do tecido social. No entanto, parece que o mandato de masculinidade

¹⁰ Evidentemente existe o conflito edípico, bem como conflitos de autoavaliação e de culpa nas e nos filhos que irão resolvendo-se paulatinamente.



descrito por Rita Segato (citado por Mejía, 2019, p. 21) a respeito de que os homens devem ter: potencia sexual, física, bélica, intelectual, moral, econômica e política, ainda está presente em um bom número de nossas associações psicanalíticas latinoamericanas.

Referencias bibliográficas

- Alizade, M. (2009). Escenarios masculinos vulnerables. En *Masculinidad. Una mirada desde el psicoanálisis* (pp.43-61) R.Tawil Comp. México: Asociación Psicoanalítica Mexicana, Universum.
- Badinter, E. (1992). *XY, la identidad masculina*. Colombia: Grupo Editorial Norma, 1994.
- Benjamin, J. (2020). Vulnerabilidad, Repudio y Violencia. La Tragedia de la Masculinidad. Conferencia magistral leída en línea en el XIV Diálogo Latinoamericano Intergeneracional entre hombres y mujeres, COWAP, Ciudad de México, 24 de abril.
- Bem, S.L., (1974). The Measurement of Psychological Androgyny. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 42 (2), 155-162.
- Bem, S. (1981). *Bem Sex Inventory Professional Manual*. Palo Alto, Ca. Consulting Psychologists Press.
- Bleichmar, S. (2006). *Paradojas de la sexualidad masculina*. Buenos Aires: Paidós.
- Diamond, M.J. (2006). Masculinity unraveled: The roots of male gender identity and the shifting of male Ego Ideals throughout life. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 54 (4): 1099-1130.
- Fraiberg, S. (Ed.) (1980). *Clinical studies in infant mental health*. New York: Basic Books.
- Freud, S. (1895). Proyecto de una psicología para neurólogos. En *Obras completas*, trad. de Luis López-Ballesteros, Biblioteca Nueva, 3ª ed., Madrid, Vol. I: 209-276.



- Freud, S. (1937). Análisis terminable e interminable. En *Obras Completas*, Buenos Aires: Amorrortu, 1980 Vol. XXIII: 211-254.
- Grupo de trabajo OPD (2006). *Diagnóstico Psicodinámico Operacionalizado (OPD-2)*. Barcelona : Herder
- Lara Cantú, M.A. (1993). *Inventario de Masculinidad/Feminidad*. IMAFE. México: El Manual Moderno.
- Lartigue, T. (2019). Construyendo identidades. Una propuesta Ponencia leída en el I Diálogo Latinoamericano Polimorfismos. Sexualidad y género en el psicoanálisis contemporáneo. En el panel “Identidad, Subjetivación, Género y Sexualidad, 2 de noviembre de 2019; APA, APdeBA, SAP Buenos Aires.
- Lartigue, T. (2020). Acmé-ALEPH. Interrogaciones ante la pandemia. *Cuadernos de Psicoanálisis*, LIII (1-2): 37-54.
- Mejía, A. (2019). Vacío y cuerpo femenino. *Cuadernos de Psicoanálisis*, LII (3-4): 21-28.
- Stoller, R. (1968). *Sex and Gender*. Vol. I: The Development of Masculinity and Feminity, New York: J. Aronson.
- Stoller, R. (1985). *Presentations of Gender*. New Haven and London: Yale University Press.
- Tawil, R. Aspectos psicológicos de la masculinidad. Conferencia presentada en línea en el Centro Deportivo Israelita (CDI) el 27 de agosto.
- Tyson, Ph. & Tyson, R. (1990). *Psychoanalytic theories of development*. New Haven and London: Yale University Press.
- Vives, J. (1997): Objetos de identificación, elección de objeto e identidad de género, *Cuadernos de Psicoanálisis* (México), XXX (1-2): 109-117.